

XIII SALÃO DE
ENSINO

UFRGS

PROGRAD RELINTER
PROPG CAF
SEAD SAI

CONHECIMENTO FORMACÃO INOVAÇÃO
Salão UFRGS 2017

múltipla
UNIVERSIDADE
inovadora inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Cultura indígena e a lei 11.645: como não reproduzir um currículo turístico
Autores	VITÓRIA SANT'ANNA SILVA LORENA TEIXEIRA GOMES
Orientador	PATRÍCIA CAMINI

RESUMO: Este trabalho apresenta o relato da prática docente orientada pela disciplina EDU02073 – Seminário de Docência: Organização Curricular: Fundamentos e Possibilidades - 4 a 7 anos, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A prática docente ocorreu durante uma semana, em outubro de 2016, em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Estadual de Ensino da cidade de Porto Alegre-RS. A docência foi realizada de forma compartilhada entre duas alunas da referida disciplina para que houvesse apoio mútuo na construção e execução das propostas pedagógicas frente à complexidade dos desafios da sala de aula. As propostas foram organizadas em torno da temática indígena, a qual se faz relevante porque, muitas vezes, as questões étnico-raciais são tratadas superficialmente na sala de aula, geralmente presas às datas comemorativas. Partindo dessas justificativas, o objetivo geral da temática foi conhecer a cultura dos povos indígenas, a partir de textos de autores indígenas, que dão visibilidade às histórias difundidas através da tradição oral. Utilizou-se como aporte legal a lei nº11.645/08, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da história dos povos indígenas no Brasil, resgatando suas contribuições na formação da população brasileira ao longo do ano letivo e não apenas às vésperas do dia 21 de abril – Dia do Índio. O trabalho foi iniciado a partir da leitura do livro “Parece que foi ontem”, do autor Daniel Munduruku – o mais reconhecido escritor indígena do Brasil. Nessa obra, o autor aborda, através da tradição de contar histórias, um ritual indígena em que se ouve os ensinamentos de um pajé sobre aprender e valorizar os ensinamentos de seus antepassados. A partir dessa leitura literária, o trabalho pedagógico explorou os seguintes subtemas: 1) biografia do autor indígena Daniel Munduruku; 2) tradição oral indígena; 3) objetos das culturas indígenas; 4) escrita de uma carta ao indígena Merong, o qual foi à escola, ao final da prática docente, responder aos questionamentos das crianças; e 5) construção de uma teia, em que os alunos escreveram o que aprenderam ao longo da semana. Destaca-se que a avaliação realizada foi a formativa, conforme Zabala (1998). Para tal, partiu-se, da avaliação diagnóstica, na qual foram registrados os conhecimentos prévios das crianças a cultura indígena; nos outros três dias, realizou-se a avaliação processual, observando se as crianças estavam compreendendo e apreciando os elementos da cultura indígena; e, por fim, realizou-se a avaliação integradora por meio do recurso da teia, pelo qual as crianças puderam expor e criar relações entre os conhecimentos que foram aprendidos ao longo da semana. A partir desta prática docente, foi possível perceber a importância da representatividade indígena nas escolas. Ao dar espaço para o próprio indígena falar sobre a sua cultura, o impacto foi muito mais favorável à aprendizagem, pois colocou o indígena como um ser contemporâneo e não do passado, que caça para comer e anda nu. Reconhecer o indígena Merong e também o autor do livro Daniel Munduruku como um ser humano, que vive na mesma sociedade que as crianças da turma, e que também produz conhecimento, foi de suma importância para desmistificar o índio folclórico. A presença do indígena na sala de aula cumpriu o objetivo de tornar visível a população mais invisibilizada do nosso país. A partir dessa experiência, pode-se afirmar que é possível desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de habilidades que permitam intervir na realidade para transformá-la, posicionando-se criticamente em relação às questões sociais. Interpretou-se, portanto, a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente, incluindo a temática indígena no ensino dos conteúdos e não apenas como um ideal. Quanto à docência compartilhada, a troca de saberes engrandeceu a prática pedagógica, visto que o acompanhamento foi mais qualificado através da divisão das atividades, assim como a reflexão sobre a avaliação, promovendo benefícios às aprendizagens das crianças.

Palavras-chave: Educação étnico-racial; Docência compartilhada; Cultura indígena.